

SOBRE A (DES-)CONSTRUÇÃO DAS TEORIAS LINGÜÍSTICAS

Michel Pêcheux

Resumo: Neste ensaio, Michel Pêcheux faz aproximações entre diferentes momentos epistemológicos da Lingüística, mostrando que os traços que unem e distanciam as alianças teóricas que caracterizam esses momentos têm sua origem no processo histórico de constituição da própria disciplina. O autor mostra que o corte saussureano continua evanescente: em relação a ele as diferentes teorias lingüísticas produzem afastamentos e retornos. A partir da consideração do equívoco como constitutivo da linguagem, Pêcheux defende que a pesquisa lingüística deve construir procedimentos capazes de abordar este “fato estrutural implicado pela ordem simbólica”.

ABSTRACT: In this essay, Michel Pêcheux brings close to one another different epistemological moments in Linguistics, showing that the features which bring together and break apart the theoretical alliances which characterize these moments have their origin in the historical process of constitution of the discipline itself. The author shows that the saussurean cut is still evanescent: in relation to it the different linguistic theories produce separations and returns. By taking into account the equivocal as constitutive of language, Pêcheux defends that linguistic research must build procedures capable of dealing with this “structural fact entailed in the symbolical order”.

ESTE TEXTO é uma versão modificada de uma exposição apresentada no seminário do DRLAV. O título proposto inicialmente era: “Considerações epistemológicas sobre os processos de constituição das teorias lingüísticas”. Devo confessar de imediato que não tratei do assunto...

- em primeiro lugar, porque o termo *epistemologia*, outrora suspeito de terrorismo filosófico-político, veicula atualmente a reconfortante idéia de uma “intervenção” especializada na colocação de escudos, alertas filosóficos, levantamento de precauções metodológicas, e estabelecimento de um

instrumental conceitual com pretensões de adaptar-se à interpretação e à avaliação formal das teorias. Não tenho possibilidade, nem vontade de me dedicar a essa espécie de exercício;

- mas, sobretudo, porque a expressão *processo de constituição*, aplicada ao espaço das teorias lingüísticas no contexto atual me causa o estranho efeito de uma *antífrase* irônica: daí a idéia, um pouco provocadora, de apresentar algumas observações sobre as *tendências à desconstrução das teorias no campo lingüístico*.

O procedimento consiste em tentar (em torno de algumas referências: (Saussure/ anos 20/ anos 50/ o período 1960-1975/ o início dos anos 80) aproximações entre pontos de história epistemológica da disciplina lingüística, e alguns traços do processo histórico de conjunto no qual esta história se inscreve: a idéia é a de que esta inscrição pode contribuir para explicar as mudanças de afinidade epistemológica da Lingüística, as transformações que afetaram sua rede de alianças teóricas, no campo das disciplinas “exatas” e “humanas” e “sociais”, até a situação atual.

1. “E Saussure ficou sozinho com seus problemas...” (Benveniste)

O que temos aqui nada mais é que um levantamento bastante esquemático de alguns *pontos sensíveis* retirados da história epistemológica da Lingüística¹.

1.1 Ao final de uma conferência pronunciada em Genebra no dia 22 de fevereiro de 1963, em comemoração ao cinquentenário de morte de Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste evocou pudicamente a observação nostálgica de Meillet (Saussure em vida não teria “cumprido todo o seu destino”) e concluiu:

“Abarcando com o olhar esse meio século já decorrido, podemos dizer que Saussure certamente cumpriu seu destino. Além de sua vida terrestre, suas idéias irradiam muito mais longe do que poderia ter imaginado, e este destino póstumo tornou-se uma segunda vida, que se confunde doravante com a nossa” (1966:45).

A frase de Benveniste é uma agulhada no corpo acadêmico da ciência lingüística dos anos 80; vinte anos depois, ela toca em qualquer lingüista - pois “não há lingüista atualmente que não lhe deva algo” (Benveniste, 1966:32) - a ferida aparentemente insensível: o ponto inaugural da Lin-

güística enquanto disciplina autônoma.

“No que diz respeito à língua, (Saussure) existem certas propriedades que não são encontradas em qualquer lugar. Com o que quer que se compare, a língua aparece sempre como algo diferente. Mas no que ela é diferente? Considerando esta atividade, a linguagem, em que tantos fatores são associados, biológicos, físicos e psíquicos, individuais e sociais, históricos, estéticos, pragmáticos, ele se pergunta: onde está o próprio da língua?” (Benveniste, 1966:33).

Através desta questão, Saussure pôs-se a *pensar contra seu tempo*, rompendo com uma série de interrogações pré-lingüísticas sobre a origem da linguagem e suas determinações biológicas, lógicas, sócio-históricas ou filosóficas (cf. os vários projetos de gramáticas universais, os debates sobre a unidade originária das línguas e sua divisão, os empreendimentos da gramática comparada e as querelas sobre a relação entre a língua e “a vida” dos indivíduos e dos povos).

Ora, o que mostra o estado atual da Lingüística é que o ponto inaugural permanece *evanescente*, e que a ruptura por ele suposta *nunca é efetuada*: contra a proclamação triunfante de Benveniste, que afirmava que a Lingüística era doravante constituída em sua identificação teórica com seu feliz fundador e que deve apenas reconhecer e explorar seu domínio próprio (o próprio da língua, seu *real* no sentido dado por J.C. Milner a este termo), observa-se que o destino da Lingüística saussureana *não se cumpriu* (novamente “um destino funesto”)?²

O efeito-Saussure não constitui, em hipótese alguma, um ponto de não-retorno: a prova é o pequeno número de lingüistas para quem o empreendimento saussureano representa hoje algo mais que uma esperança renegada, um projeto não realizado, ou até um amor teórico transformado em ódio. A maior parte das forças da Lingüística pensa neste momento “*contra Saussure*”, assemelhada à legislação de um diretor-de-escola-atrás-de-sua-escrivania), e debanda para a sociologia, a lógica, a estética, a pragmática ou a psicologia...

Com efeito, o evento/advento da ciência lingüística (que, como qualquer grande evento, chegava “*em pezinhos de pomba*” (Nietzsche, citado por Benveniste (1966: 45)) não parou, desde a origem, de se negar através de uma alternância de *diásporas* reais e de *reunificações* enganadoras, remetendo, talvez, no pensamento do Genebrino, à tendência interna de seu

auto-encobrimento.³

1.2 A primeira diáspora aparece nos anos 20: a Lingüística saussureana vai vagar do círculo de Moscou (onde é introduzida desde 1915 por Jakobson e Karcevski) até o círculo de Praga, depois vai para Viena e Copenhague. Neste percurso, se produz uma espécie de difração epistemológica que distribui, de um lugar ao outro, diferentes interpretações sociologistas, logicistas ou psicologistas das intuições saussureanas: em Moscou, os incícios do formalismo estrutural, mas também o início de uma sociologia da linguagem de inspiração plekhanoviana; em Praga, a fundação da fonologia e o desenvolvimento de investigações abertas à escrita literária, mas também o contato com o psicologismo das teorias da Gestalt; em Copenhague, enfim, o projeto explícito de construção de uma lógica semiótica do signo.

1.3 Os anos 50 dão a aparência de uma reunificação, na qual a teoria saussureana teria finalmente encontrado seu caminho: a “segunda vida” de Saussure parece se confundir com a da Lingüística enquanto disciplina acima de qualquer suspeita: do funcionalismo de Martinet às teorias behavioristas da comunicação, o pensamento de Saussure se estende até o estruturalismo distribucional de Bloomfield:

“Talvez seja útil situar neste ponto de vista uma das escolas estruturalistas que era a mais característica nacionalmente, ou seja, a escola americana de Bloomfield. Poucos sabem que Bloomfield havia escrito no *Cours de Linguistique Générale* uma resenha elogiosa, na qual, enaltecendo Saussure pela distinção entre *langue* e *parole*, ele concluía: “he has given us the theoretical basis for a science of human speech” (Modern Language Journal, 1924:8). Por mais que a Lingüística americana tenha se tornado diferente, não deixa de ter uma ligação com Saussure” (Benveniste, 1966:43).

Efetivamente, de Bloomfield até Harris, e deste até os primeiros trabalhos de Chomsky, a herança do estruturalismo saussureano parecia se dirigir para suas melhores condições de realização, através da espetacular retomada, no nível sintático, dos fundamentos teóricos que Saussure havia formulado no plano fonológico e morfológico; o momento “galileano” do corte saussureano (cf. Haroche, Henry, Pêcheux, 1971) parecia desembocar (sob a forma de uma tomada de construção formal da sintaxe) na reunificação matemática “newtoniana”, reunificação diante da qual o behaviorismo funcionalista pendia progressivamente para um irremediável

desequilíbrio.

1.4 Ora, esta unidade acadêmica da Linguística pós-saussureana ia novamente esfacelar-se no início dos anos 60, sob o efeito de dois processos a priori independentes, mas que se desenvolviam simultaneamente, durante cerca de quinze anos:

- o desenvolvimento da hegemonia *teórica* da Gramática Gerativo-Transformacional (GGT), diante das posições *institucionais* adquiridas no período anterior pelas diferentes tendências funcionalistas (protegidas ou não pela etiqueta do estruturalismo linguístico, elas continuaram a “conservar o território”, tanto nos EUA quanto na Europa);

- o aparecimento na França de uma nova corrente filosófica, epistemológica e politicamente bastante heterogênea, mas que constituiu seu espaço pela referência a três nomes fundadores e à (re-)leitura de suas obras: Marx, Freud e... Saussure.

A própria designação desta nova corrente pelo nome de *estruturalismo* manifesta a posição-chave que o novo materialismo da estrutura atribuiu à Linguística enquanto “ciência-piloto”.

A (re-)leitura de Saussure foi um dos principais motores deste movimento. A aposta linguística não era pequena: tratava-se de destacar a Linguística do funcionalismo sócio-psicologista, apoiando-se notadamente nos trabalhos de Jakobson e de Benveniste.

Do ponto de vista filosófico resulta, sobretudo, a produção de uma impressionante série de filosofemas (tais como as noções de significante, de estrutura combinatória, de sistema sincrônico de diferenças sem termos positivos, de distribuição de posições, funções e lugares, de causalidade estrutural presente na série de seus efeitos etc.). Os trabalhos de Lévi-Strauss, de Lacan, de Althusser, de Foucault, de Derrida... materializaram de diferentes formas os efeitos deste novo dispositivo filosófico.

No próprio campo da linguagem, em sua relação com a língua, o texto e a fala, o efeito deste se distribuiu, com diversas conseqüências, entre uma reflexão “semiológica” sobre o espaço literário (Barthes, Kristeva...) e também a constituição de posições originais no campo institucional das pesquisas linguísticas: dentre estas posições, a de A. Culioli, se referindo à lógica de Frege (cf. em particular Culioli, 1968) para confrontar as tradições linguísticas francesas (Tesnière, Guillaume, Benveniste...) com novos

desafios da GGT, e desembocando na elaboração de uma teoria formal da gramática capaz de *construir* os fenômenos enunciativos (ao invés de constatar-los, comentá-los indefinidamente); e a de J.C. Milner, levando a uma reflexão singular mais próxima da GGT, se dedicando a discernir o que, do interior desta teoria, resiste à sua deriva epistemológica interna, e a esta opacificação do fato inconsciente da “lalangue”⁴ sob a construção racional da gramática de uma língua.

Nesta série de efeitos, inscreve-se também a emergência problemática do que se convencionou chamar a *análise do discurso de tipo francês*, inicialmente engajada pelos trabalhos de J. Dubois: esta disciplina transversal em formação foi fortemente marcada pela conjuntura epistemológica que acaba de ser lembrada.

O paralelismo destes dois acontecimentos (a GGT nos EUA e na Europa/ o estruturalismo filosófico na França) durou toda a década de 60 e até meados da seguinte. Ele explica sem dúvida, por um lado, a resistência dos lingüistas franceses em relação ao chomskismo: por um entrecruzamento de razões contraditórias, a GGT não ultrapassou na França o nível de vulgarização universitária de superfície, duplicada por um misterioso funcionamento de seita de iniciados.⁵

As tentativas de inscrever o conceito de *transformação* no espaço do movimento estruturalista continuaram, salvo exceções, no estágio do jogo de palavras filosófico, e Lacan triunfou ao “apontar” que o famoso enunciado “*Colorless green ideas sleep furiously*”⁶ constituía, através da aparência absurda da sua semântica literal, uma boa definição dos processos inconscientes! Diante da subversão teórica da Tríplice Aliança Estruturalista (Marx - Freud - Saussure), que colocava a antropologia, a história, a política, a escrita literária e a poesia ao lado da Lingüística e da Psicanálise, as minuciosas argumentações da GGT não tinham peso...

Por sua vez, as aplicações psicolingüísticas aí embasadas (os experimentos que controlavam com um cronômetro as transformações das árvores sintáticas no cérebro dos “sujeitos”...) constituíam um exemplo - caricaturalmente behaviorista - destas metodologias empiristas com as quais o “materialismo estrutural” tinha decidido romper em todos os campos.

Enfim, os diferentes funcionalismos sócio-psicologistas, inscritos na linhagem das “sociologias da linguagem”, tenham conservado posições bastante sólidas para fornecer argumentos políticos para um anti-chomskismo

“de esquerda”, não hesitando em associar o estruturalismo, Saussure e Chomsky no mesmo ódio teórico.

1.5 O início dos anos 80 aparece marcado por uma nova mudança no regime das pesquisas lingüísticas. No decorrer dos últimos anos, diversos signos se multiplicaram, manifestando simultaneamente o final do materialismo estrutural à francesa (decomposto através de suas últimas repercussões contraditórias) e o do chomskismo tal como se desenvolveu durante cerca de quinze anos (cf. Grüning, 1981).

Seria mais do que uma coincidência? Esta simultaneidade entre o esgotamento do efeito Saussure, pelo qual a Lingüística perdeu progressivamente seus ares de ciência-piloto no campo das Ciências Humanas e Sociais, e o bloqueio das pesquisas teóricas conduzidas pela GGT (essencialmente no domínio da sintaxe) justifica, de qualquer maneira, a formação, entre os lingüistas, de um largo consenso anti-saussureano e anti-chomskiano, repousando na idéia (simples, porém eficaz!) de que a Lingüística formal - e a pesquisa sobre os formalismos sintáticos em particular - é falaciosa e inútil, e que é mais do que urgente se ocupar de *outra coisa*.

O fato de que o próprio itinerário da GGT tenha podido contribuir, na base de um certo *encobrimento interno* da especificidade dos fatos sintáticos, para deslocar cada vez mais o ponto de aplicação da reflexão em direção à semântica e à lógica, depois para a pragmática, não constitui face a este consenso senão uma prova suplementar: a homenagem forçada, pelo vício formalista, às virtudes de um pensamento “*aberto para o exterior*”!

Sem interrogar mais a relação real entre Saussure e Chomsky - esta relação permanece um impensado fundamental da Lingüística - não se pode deixar de sublinhar que eles partilharam pelo menos a mesma preocupação obsessiva de determinar “onde está o próprio da língua”, ao passo que hoje esta obsessão parece incomodar mais de um lingüista. O amor pela língua conduziu Saussure a recusar “os quadros e as noções que via serem empregados em qualquer parte porque lhe pareciam estranhos à própria natureza da língua” (Benveniste 1966:39). Não seria, ao contrário, uma certa vergonha (uma aversão inconsciente?) no que diz respeito ao *próprio da língua* que leva hoje vários lingüistas a se precipitarem para os quadros e as noções que vêm ser empregados?

Um novo consenso não estaria se reconstituindo na base de uma unida-

de negativa, desembocando em uma nova diáspora intelectual, que tende a mergulhar a Lingüística em questões de biologia, de lógica e de psicologia (individual ou social)?

Como se as condições de autonomia epistemológica da Lingüística enquanto ciência se encontrassem mais uma vez historicamente comprometidas... Como se, novamente, Saussure ficasse sozinho com seus problemas!

2. “Que estranho destino o das idéias...” (novamente Benveniste!).

É realmente estranha esta *série de retomadas* que marca a história das idéias lingüísticas, através de suas relações com outras ciências (constituindo seu meio específico, seu “exterior” epistemológico) e também através da inserção em um processo mais vasto, ultrapassando o cenário dos puros fatos científicos.

Este “estranho destino” contradiz ao mesmo tempo a concepção, com aparência racionalista, que supõe um desenvolvimento autônomo, retilíneo e cumulativo de um núcleo de conhecimentos do objeto língua, e a visão cética (oportunista ou pragmática) que reduziria a história da Lingüística ao confronto de algumas individualidades ou à oscilação arbitrária de modalidades intelectuais: é preciso supor que esta disciplina está, de uma maneira que lhe é própria, *exposta de seu próprio interior* aos efeitos complexos do processo conjuntural histórico e político que constitui o espaço no qual sua história se produz.

Mas, ao tentar pensar a Lingüística “fora de si mesma” (cf. Gadet & Pêcheux, 1980), na história, não corremos o risco de perder de vista o *real próprio* ao qual, como acabamos de afirmar, ela está relacionada?

As posições defendidas em *La Langue Introuvable* constituem uma tentativa de contornar esta aporia, mostrando que a questão do “próprio” da Lingüística (da especificidade de seu real) é indissociável da questão das escolhas de embasamento através das quais se constitui e se transforma a rede de suas alianças.

Tentar hipóteses (do tipo das que são apresentadas adiante) no que concerne às determinações históricas que vêm “assinalar” as sucessivas redes de afinidades da Lingüística - desde os anos 50 até o período atual é, então, também, (não adianta dissimular) se posicionar em relação ao real próprio então à Lingüística enquanto *real da língua*. As três propostas se-

guintes limitam-se a evocar, de uma maneira necessariamente ultra-rápida e alusiva, os feixes de indícios históricos, pontos sensíveis onde se entrecruzam diferentes níveis.

2.1 O momento de aparente unificação da Linguística dos anos 50, na forma dominante do funcionalismo, coincide com a retomada do desenvolvimento industrial do pós-guerra, que precisa do desenvolvimento e da difusão de novos procedimentos tecnológicos, nas esferas da produção, da formação profissional, da educação e da saúde.

O problema das “comunicações” (que se tornaria, por deslocamento metafórico, o tema principal das *ideologias do consenso*) foi inicialmente um quebra-cabeça para os engenheiros da telefonia: a teoria da informação (Shannon e Weaver) se constitui neste terreno, em que o *emissor* e o *receptor* são instrumentos, antes de serem os sujeitos falantes que os utilizam.

Simultaneamente, os trabalhos de von Neumann confrontam os modelos matemáticos, neuropsicológicos e econômicos da comunicação (i.e. a transmissão de informação entre pares), e desembocam, em associação com Morgenstern, na “teoria dos jogos” (que se quer uma teoria geral das *interações*, concebidas como troca de informações) (cf. Plon, 1976). A noção de homeostasia emerge, desta forma, enquanto categoria interdisciplinar, visando dar conta, em termos de circuitos de informação, de regulamentos comportamentais suscetíveis de caracterizar tanto uma máquina quanto um animal ou um grupo social: a *psicologia behaviorista* (skinneriana e pavloviana) adota o esquema da “caixa preta” como modelo adequado às suas teorias de aprendizagem (enquanto regulação instrumental do jogo das “entradas” e das “saídas” estruturando o comportamento - e em particular o “comportamento verbal”); a *cibernética* desenvolve mecanismos auto-reguláveis (o homeostato de Ashby, o perceptron de Seymour Papert e as tartarugas eletrônicas de Grey Walter...), simulando diversos tipos de comportamentos “normais” ou “patológicos”; a *matemática* desenvolve, ao mesmo tempo, modelos estatísticos e probabilistas destinados a tratar as “mensagens” enquanto fluxo de informação, e teorias formais (derivadas dos trabalhos de Turing), autorizando a programação de cálculos lógicos (os primeiros computadores à válvula necessitavam de vários andares de um prédio para efetuar o que um micro-processador condensa hoje em alguns mm³!): no horizonte, vislumbram-se os projetos iniciais de *tradução automática* - que iam desembocar na estrutura não-markoviana da sintaxe, e as primeiras tentativas de *simulação de inteligência* (a noção de inteli-

gência artificial apareceu em 1956), visando à construção de dispositivos capazes de raciocínio.⁷

Nesta trama de aproximações interdisciplinares que marcou a conjuntura dos anos 50, transparecia, no estado embrionário, um desejo utópico de “dominar o mundo”, associado a este humanismo político de boas intenções que, por exemplo, a UNESCO, desde sua criação em 1946, se pôs a difundir: a idéia de uma regulação psico-bio-cibernética dos comportamentos humanos, individuais e sociais, através da ergonomia, da medicina e - sobretudo - da educação aparece como a última repercussão do *esquema funcional da comunicação lingüística*, projetada em um meio “científico” em função das afinidades eletivas que acabam de ser lembradas. Esse desejo sistêmico-funcional não dispunha na época de condições (biológicas, neurofisiológicas, cibernéticas e informáticas) necessárias à sua realização, mas o projeto estava traçado; quanto ao setor das disciplinas filosóficas e literárias (dominado pela fenomenologia e pelo humanismo existencial), não havia outra “relação” com tal projeto a não ser a não-relação da ignorância distante, a derrisão estetizante, e a reivindicação dos direitos do “vivido”, do “autêntico”, e do “poético”... diante da ciência.

Apesar dos esforços excepcionais de lingüistas como Jakobson para dar conta da tarefa, e fazer valer o estatuto poético da linguagem humana, levando a argumentação para o terreno do funcionalismo⁸, a Lingüística dos anos 50 continuou presa neste imaginário interdisciplinar da comunicação como *regulação funcional controlada*: ela o havia previamente de forma indireta autorizado, senão suscitado, ao denominar-se “funcionalista”.

2.2 O período de 1960-1975 se caracteriza, pelo menos no que diz respeito à França e a uma parte do espaço das culturas latinas, por uma reestruturação global da rede de afinidades disciplinares em torno da Lingüística. Foi lembrado acima que esta reestruturação, que apareceu de uma forma bastante brusca, havia se organizado através do evento estruturalista que marcou o fim da hegemonia filosófica da fenomenologia e do existencialismo (Husserl, Heidegger, Sartre...) e redistribuiu completamente as relações entre as “ciências” e as “letras”: o aparecimento da antropologia estrutural, a renovação da epistemologia e da história das ciências, a organização anti-psicologista do campo psicanalítico, o aparecimento de novas formas de experimentação na escrita literária, e a retomada da teoria marxista traduziam simultaneamente esta mudança de conjuntura, abalan-

do o sistema das alianças feitas em torno da Lingüística, que aparecia como a garantia já parcialmente realizada de uma Ciência Formal do Significante.

Conceitos tais como os de metáfora e metonímia, de cadeia significante, efeito de sentidos etc. tornavam-se a base teórica comum de tomadas de construção crítica, abalando as evidências literárias da autenticidade vivida e as certezas científicas do positivismo bio-psico-funcional.

“O fundamental foi o desafio intelectual, político e pessoal que surgiu quando as três teorias (psicanalítica, marxista, lingüística/antropológica) coincidiram, durante um breve período” (Turkle 1982:10): o efeito subversivo deste *desafio intelectual* trazia a promessa de uma revolução cultural, colocando em causa as evidências da ordem humana como ordem estritamente bio-social. Restituir algo do trabalho específico da letra, do símbolo, do traço, era começar a abrir uma brecha no bloco compacto das pedagogias, das tecnologias (industriais e bio-médicas), dos humanismos moralizantes ou religiosos: era questionar esse bloco, *esta articulação dual do biológico com o social*, em que o simbólico é excluído, e o “sujeito psicológico”, surdo ao significante que funda tal articulação (como a glândula pineal cartesiana concede ao homem a substância pensante e a substância extensa). Designar esta brecha como efeito irredutível da ordem simbólica era golpear o narcisismo (individual e coletivo) da consciência humana, que não pára de renegociar sua “articulação” entre o nada da inconsciência biológica e a gestão contratual do *eu (soi)* (como senhor/escravo de seus gestos, palavras e pensamentos, em sua relação com o outro-eu (l’*autre soi*)).

Resumindo: a revolução cultural estruturalista não eliminou a suspeita, totalmente explícita, em relação ao registro do *psicológico* (e às *psicologias* - do comportamento, do eu (moi), ou do “sujeito epistêmico” – que pretendem ser a teoria disso). Portanto, esta suspeita não é engendrada pelo ódio da humanidade que freqüentemente atribuiu-se ao estruturalismo; ela traduz o reconhecimento de um fato estrutural próprio da ordem humana: o da *castração simbólica*⁹.

No contexto político da França dos anos 60, o efeito subversivo estruturalista ultrapassou rapidamente o quadro universitário da “produção teórica” e o das revistas literárias especializadas; a teoria e a literatura tornavam-se lugares de intervenção ideológica, suscetíveis de afetar, em contrapartida, o conjunto do campo sócio-político: quarenta anos depois do engajamento dos formalistas russos no movimento revolucionário de

Outubro, a mesma questão ressurgia (com novas formas) de um *trabalho do significativo no registro político*, visando a uma outra maneira de ouvir a política¹⁰.

Sabemos como, no decorrer da década posterior a maio de 1968, esta repetição da “cena primitiva” revolucionária dos anos 20 vai se desmoronar progressivamente: o fim do “lacanismo”, a “crise do marxismo” e a irrupção da “nova filosofia” marcaram a nova reviravolta da ideologia francesa. As evidências induzidas pelo que poderíamos chamar de *revolução cultural abortada* dos anos 60 vêm afetar o dispositivo intelectual das Ciências Humanas e Sociais; o esgotamento dos efeitos do movimento estruturalista acarreta, para a disciplina que deu seu nome a este movimento, uma reconfiguração de seu dispositivo de embasamentos epistemológicos,

2.3 O paradoxo deste início dos anos 80 é que o sufocamento do estruturalismo político francês¹¹ (que, no entanto, continua a produzir efeitos, sobretudo, no espaço latino-americano), coincide com um crescimento da recepção dos trabalhos de Lacan, Barthes, Derrida e Foucault no campo anglo-saxônico, tanto na Inglaterra quanto na Alemanha e nos Estados Unidos. Desse modo, através de um estranho efeito de deslocamento, no exato momento em que a América descobre o estruturalismo¹², a intelectualidade francesa “vira a página”, desenvolvendo um ressentimento maciço com relação às teorias, das quais se suspeita de que tenham pretendido falar em nome das massas, produzindo uma longa série de gestos simbólicos ineficazes e performativos políticos infelizes. Este ressentimento é um efeito de massa vindo “de baixo”: uma espécie de contra-golpe ideológico que força à reflexão, e que não pode ser confundido com o alívio negligente de muitos intelectuais que reagem descobrindo só depois que “a Teoria” os havia “intimidado”!

A grande força desta revisão crítica é colocar, impiedosamente em questão as alturas teóricas no nível das quais o estruturalismo político tinha pretendido construir sua relação com o Estado (e, singularmente, com o Partido-Estado da revolução!), e obrigar os olhares a ver o que realmente acontece “em baixo”, nos espaços infraéticos que constituem o comum das massas, lá onde, de modo particularmente aguçado em período de crise econômica, circula a linguagem da urgência: “O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e além disso capaz de ter uma existência política; o homem moderno é um animal na política

cuja vida de ser vivo está em questão” (Foucault 1976: 188).

Em história, em sociologia, nos próprios estudos literários, aparece cada vez mais explicitamente a preocupação em se habilitar a ouvir este discurso, na maioria das vezes silencioso, da urgência de se dominar os mecanismos da sobrevivência: trata-se, para além da leitura dos Grandes Textos (da Ciência, do Direito, do Estado) de se colocar à escuta das circulações cotidianas tomadas no comum do sentido (cf., por exemplo, de Certeau, 1980).

Simultaneamente, o risco que comporta este mesmo movimento é bem evidente: é o que consiste em seguir a linha da maior inclinação ideológica e em conceber este registro do comum do sentido como um *fato de natureza psico-biológica*, anterior a qualquer ordem simbólica, e independente dela.

É sobre esta inclinação que, em nome da superação de Freud, de Saussure e do estruturalismo, engaja-se hoje uma parte da intelligentsia “moderna” das ciências humanas e sociais no momento em que (a recepção dos estruturalismos está ajudando nisso, dentre outros fatores) uma - pequena - brecha entreabre-se no behaviorismo funcional da ideologia científica internacionalmente dominante. Sob a pressão de uma espécie de populismo da urgência, o desejo de pedagogias e de tecnologias eficazes renasce, contornando o fato estrutural da castração simbólica, e soldando novamente o bloco bio-social do animal-humanidade.

Com o reaparecimento triunfante da glândula pineal psicológica, é claro: “No início dos anos 60, Alain Resnais, com *L'Année dernière à Marienbad*, articulava um filme sobre metáforas tais como espelhos no interior de espelhos e a manipulação simbólico-matemática de fósforos. O título deste filme tornou-se sinônimo de uma concepção do homem que enfatizava a complexidade do simbólico, e não a simplicidade do instinto. Vinte anos mais tarde, em *Mon oncle d'Amérique*, a metáfora central é a do rato de laboratório com comportamento pré-programado, condicionado e condicionável. Neste filme, a “voz da autoridade” é a do biólogo Henri Laborit. A versão que ele apresenta da sócio-biologia não apenas rejeita o simbólico em favor de uma causalidade mais biológica, mas vai muito mais além e desemboca em uma teoria análoga à psicologia do eu (moi): com um esforço consciente, podemos usar nosso conhecimento dos processos instintivos a fim de dominá-los. O círculo está fechado, voltamos ao

voluntarismo. E esse é apenas um pequeno exemplo dentre outros” (Turkle 1982: 11).

Desse modo, por um “estranho destino das idéias”, 1980 repetiria 1950, como 1960 repetira 1920? De fato, a idéia de um simples *looping* histórico reconduzindo hoje a configuração epistemológica dos anos 50, é profundamente inadequada: a evolução tecnológica acelerada, nas áreas da eletrônica, da informática e da cibernética, sustentada pela emergência de novas “demandas sociais” (da robótica aos bancos de dados), os recentes desenvolvimentos da pesquisa bio-médica - particularmente da genética e da neurofisiologia, a reorientação “cognitivista” da psicologia experimental (a passagem progressiva de Skinner a Piaget) e seu embasamento nos desenvolvimentos “sofisticados” da lógica formal, contribuem para estruturar, através de trocas de “modelos” entre os especialistas em cérebro, os teóricos dos sistemas e os construtores de robôs, um *espaço* muito mais coerente do que em 1950, e no qual os fantasmas de domínio bio-social podem desabrochar, ultrapassando o nível embrionário dos projetos utópicos.

Tanto que a pressão populista da urgência, que acaba de ser evocada, fornece nesse momento uma base ideológica e uma justificativa “democrática” para os fantasmas em questão¹³. Se acrescentarmos que, por seu lado, a pesquisa filosófica francesa parece finalmente levar a sério a existência do empirismo lógico, do qual ela sempre se manteve à distância (de Bergson a Sartre, e também na esquerda marxista, a ignorância era argumento!) calculamos o quanto a situação mudou: em torno dos programas de pesquisas interdisciplinares, em inteligência artificial e em tratamento da informação, um novo sistema de alianças está formando-se, no qual uma certa concepção da Linguística é convidada a tomar seu lugar, com a única condição de aceitar tratar o simbólico como um sinal e a linguagem como um instrumento lógico. Ou seja, no fundo, com a condição de a Linguística reconhecer a Psicologia como a nova ciência-piloto do setor, epistemológica e politicamente acima de qualquer suspeita.

Ora, uma tal concepção da Linguística existe; ela até ganhou muita força junto a diversos lingüistas, a partir do momento em que a epistemologia chomskiana explicitou seus pressupostos iniciais sustentando que a língua é “um órgão mental” e que, conseqüentemente, a Linguística é um ramo da Psicologia (ver a respeito disto J. C. Milner, “Linguistique, biologie,

psychologie”, em Milner 1982: 302-317).

Disso resulta para a pesquisa lingüística um recalque tendencial da ordem simbólica (no sentido em que o materialismo estrutural esforçou-se para construir o conceito), que não impede ninguém de dormir!¹⁴ Aliás, é preciso reconhecer que o evento estruturalista, por diferentes razões já evocadas, teve apenas poucos ou nenhum efeito sobre o desenvolvimento efetivo da Lingüística após 1960, e da GGT em particular. Apesar da redistribuição das alianças teóricas, que privilegia a referência à matemática em relação à física e à biologia, e contornando no próprio interior da matemática o que podemos chamar de “matemática de serviço” (as estatísticas quantitativas, por exemplo) para aproximar-se das *escritas algébricas, lógicas ou topológicas*, as “lógicas do significante” inspiradas pelo materialismo estrutural não tiveram muita influência sobre a evolução da teoria sintática gerativo-transformacional, derivando cada vez mais para uma interpretação psico-lógica da semântica, da enunciação e da pragmática: como se se tratasse sempre de “restabelecer na plenitude de seus direitos e deveres um sujeito dono de si mesmo ou, ao menos, responsável por suas escolhas. O universo pode então dançar conforme a música das esferas, entre as mãos do gênero humano, curado da inqualificável ferida que podia constituir a suposição de que a língua, ou qualquer coisa dela, escapa-lhe” (Milner, 1982: 126-7).

3. “A linguagem é realmente o que há de mais paradoxal no mundo, e infelizes são os que não o vêem” (novamente Benveniste!)

Falar de uma tendência à “desconstrução das teorias lingüísticas” supõe a adoção um certo ponto de vista, do tipo do que aqui sustentamos.

Se, pelo contrário, considerarmos que o episódio estruturalista não fez muito mais do que desviar a pesquisa lingüística de seus objetivos (particularmente na França), é *agora* que a disciplina está em plena fase de expansão e de construção: o incidente está encerrado, estamos novamente no caminho certo... mais um esforço para atingir o nível internacional do positivismo bio-psico-funcional!

Mas, mesmo deste ponto de vista, diversos “roteiros” epistemológicos mostram-se possíveis, segundo a pressuposta relação entre o *biológico* e o

social: a Lingüística pode escolher entre o esfacelamento e a integração.

3.1 No limite, o roteiro do esfacelamento implica a dissociação institucional entre uma Lingüística do cérebro e uma Lingüística social.

As atuais conexões da biologia - com a psicologia experimental (através da neurobiologia, da neurofisiologia, da psicofisiologia e da etologia, a análise e a síntese da voz, a psicolingüística e as construções de lógica natural), com a inteligência artificial (cibernética, robótica, estudo do “diálogo homem-máquina”, análise de cenas) e com as ciências do tratamento da informação - tendem a formar um espaço de recepção para uma Lingüística do cérebro segundo a qual o sistema nervoso humano, munido de suas “entradas” (auditivas e visuais) e de suas “saídas” (fonatórias e gestuais), representa o hardware - a base material - de um sistema multifuncional no interior do qual as línguas naturais constituiriam uma *classe de programas* entre outras. Esta posição extremista, que não deixa de ter apoio na Universidade e no CNRS, acabaria normalmente por incorporar a Lingüística do cérebro no setor das Ciências da Vida, deixando para os diferentes ramos das descrições lingüísticas de campo, das sociolingüísticas e das sociologias da linguagem, toda a liberdade de se consagrar ao estudo dos aspectos da linguagem do “tecido social”, no espaço das ciências humanas e sociais.

3.2 Mas as repercussões previsíveis dessa dissociação, colocando a Lingüística social em uma posição dominada e marginal, tornam finalmente este primeiro roteiro pouco plausível: a idéia de uma integração da Lingüística social com uma Lingüística do cérebro, resultando em uma teoria bio-social de funções de comunicação, pode seduzir mais em virtude de sua aparência de compromisso epistemológico; para tanto basta supor, como toda a tradição funcionalista sugere, a presença maravilhosa, no entrecruzamento do espaço sócio-político e do universo das máquinas de retro-ação, da “glândula pineal psicológica”, ou seja, do sujeito senhor de si mesmo e responsável por suas escolhas, adaptado a um mundo bio-social normal¹⁵.

Os atuais desenvolvimentos das teorias pragmáticas em direção a uma sociologia das interações, que supõe atos de linguagem indiretos, cálculos de inferência e utilização de máximas de apreciação e de ação, não se inscrevem massivamente nesta tendência?

“- Por que você voltou tão tarde ontem à noite?” lançou Magpie brutal-

mente.

“- Fui ao boliche”, respondeu Scott Robertson, seu marido, indiferente à provocação.

Magpie recomeçou, pérfida:

“- Pensei que você tivesse horror de boliche...”

“- Não quando estou com companhia...”

“- Por acaso eu não sou companhia?”

Scott defendeu-se pachorrentamente:

“- Não é a mesma coisa.”

“- É claro, porque você não pode encontrar mulheres em casa!”

A briga de casal teria sido das mais clássicas se esta americana ciumenta não tivesse a fria fisionomia de um terminal de computador, ainda por cima mudo.

Magpie é um programa de computador que faz o papel de uma esposa desagradável que quer dominar seu suposto marido...¹⁶

Da análise das trocas verbais implicadas no ritual da refeição no restaurante, até à transformação das fábulas de La Fontaine em roteiros actanciais (cf. Sabah, Rady, Soquier, Berthelin, 1981), o projeto de uma incorporação das “funções de comunicação” a uma semio-lógica interacional deve ser totalmente levado a sério: ele já está sendo realizado.

3.3A consequência evidente das duas hipóteses que acabam de ser evocadas é que - seja lá qual for a relação entre a Lingüística do cérebro e a Lingüística social - a própria idéia de questionar o estatuto da ordem simbólica e da castração como fato estrutural parece aí estritamente incongruente. Esta incongruência marca o lugar deixado em tal perspectiva para uma reflexão que pretende fazer valer, no espaço da pesquisa lingüística, o jogo mallarmeano dos significantes, a incidência inconsciente do Witz (chiste) e de tudo o que, da língua, escapa ao sujeito falante: o lugar de um entre-atos engraçado dentro da seriedade da ciência, uma espécie de domingo poético do pensamento.

O registro do literário e do poético seria, assim, (novamente) o que nunca deixou de ser aos olhos de alguns, apesar assim, dos trabalhos de

Jakobson, de Benveniste, de Barthes, de Kristeva e de alguns outros: um luxo aristocrático para os tempos de paz, que deve saber apagar-se diante da pressão lógica da urgência.

Que “o próprio da língua” possa, assim, tornar-se um objeto residual da pesquisa lingüística dá um sentido preciso à noção de desconstrução teórica tal como ela é colocada aqui.

Ninguém pensa em negar que existam diversas séries de universos discursivos logicamente estabilizados, inscritos no espaço da matemática e das ciências da natureza, no das tecnologias industriais e bio-médicas, e na esfera social dos dispositivos de gestão-controle administrativos. É claro que a construção histórica de tais universos só foi possível apoiando-se em certas propriedades das línguas naturais, autorizando operações de esquematização, de dicotomização, de cálculo lógico etc..., e permitindo a manipulação de metalínguas aptas a representar de maneira não-ambígua o conjunto de “estados de coisa” possíveis, inerentes ao micromundo suposto por tal manipulação: em tais universos discursivos, toda ambigüidade comporta, de fato, um risco “mortal”, e é precisamente a existência destes múltiplos espaços da urgência (acarretando um aumento de pedagogias de todas as espécies), que garante maciçamente o atual embasamento da reflexão lingüística em conceitos lógicos, semânticos e pragmáticos, importados desta série de universos.

Mas - a não ser que se considere a funcionalidade bio-social como um fato universalmente realizado - é necessário reconhecer que qualquer língua natural é também, e antes de mais nada, a condição de existência de *universos discursivos não-estabilizados logicamente*, próprios ao espaço sócio-histórico dos rituais ideológicos, dos discursos filosóficos, dos enunciados políticos, da expressão cultural e estética. Nesta segunda categoria de universos discursivos, a ambigüidade e o equívoco constituem um fato estrutural incontornável: o jogo das diferenças, alterações, contradições não pode aí ser concebido como o amolecimento de um núcleo duro lógico: “A heterogeneidade constitutiva” da língua não se confunde com a manipulação ostentatória da “heterogeneidade mostrada” (cf. sobre esta questão os trabalhos de J. Authier, particularmente Authier-Revuz, 1982).

Portanto: não abrir mão desses dois artigos (de “fé racional”) enuncia-

dos por J. C. Milner, quais sejam:

“- nada da poesia é estranho à língua;

- nenhuma língua pode ser pensada completamente, se a ela não se integra a possibilidade de sua poesia” (J.C. Milner, “Roman Jakobson, ou le bonheur par la symétrie” In: Milner, 1982: 336)

impõe à pesquisa lingüística a construção de procedimentos (modos de interrogação de dados e formas de raciocínio) capazes de abordar explicitamente o fato lingüístico do equívoco como *fato estrutural implicado pela ordem simbólica*, ou seja, trabalhar no ponto em que acaba a consistência da representação lógica inscrita no espaço dos “mundos normais”.

O objeto da Lingüística (o próprio da língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o das transformações do sentido, escapando à toda norma *a priori*, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomado no lance indefinido das interpretações¹⁷.

A fronteira entre os dois espaços é tão difícil de determinar que existe toda uma zona intermediária de processos discursivos (concernentes ao jurídico, ao administrativo e às convenções da vida cotidiana) que oscilam em torno desta fronteira: e o que assegura a eficácia disso é precisamente a possibilidade que elas oferecem de se jogar com as aparências lógicas, para melhor “fazer passar” os deslizamentos do sentido.

3.4 Este caráter oscilante e paradoxal do registro do comum do sentido, em que os dois espaços se interpenetram, parece ter escapado completamente à intuição filosófica do movimento estruturalista: designar, desde o início, “a sociedade”, “a ideologia”, as formas do “empirismo prático” etc. como o ponto-cego de uma pura reprodução do sentido, era ao mesmo tempo autorizar a idéia de que o momento de sua transformação no jogo dos deslocamentos simbólicos é um momento excepcional - o momento heróico solitário do teórico ou do poético (Marx/Mallarmé) como trabalho extraordinário do significante.

Esta concepção aristocrática, apropriando-se, *de fato*, do monopólio do segundo espaço (o das discursividades não-estabilizadas logicamente), permanece presa, mesmo através de sua adesão “proletária”, na velha certeza elitista que pretende que as classes dominadas nunca inventem nada, por-

que elas estão demasiadamente absorvidas pelas lógicas do cotidiano: no limite, os proletários, as massas, o povo... teriam uma tal necessidade vital de universos logicamente estabilizados que os jogos da ordem simbólica não lhes dizem respeito!

Neste ponto, a posição teórico-poética do movimento estruturalista é insuportável. Por não ter discernido no que o humor e o traço poético não são o domingo do pensamento, mas pertencem às competências fundamentais da inteligência política e teórica, ela tinha, de antemão, cedido diante do argumento populista da urgência, já que partilhava implicitamente o pressuposto essencial.

Sabe-se que as diversas correntes estruturalistas negligenciaram, quase que completamente, as pesquisas anglo-saxônicas sobre a linguagem ordinária, os problemas levantados pela análise das conversações e, em geral, dos acontecimentos discursivos “cotidianos”, sob o pretexto de que os teóricos que os abordaram (na linhagem dos trabalhos de J.L. Austin) não pararam de manifestar uma notável indiferença por tudo o que tange ao registro do inconsciente. Mas nada prova que se tratasse de uma implicação necessária: pesquisas recentes são mesmo brilhantes testemunhas do contrário - por exemplo o trabalho de Shoshana Felman (1980) que aborda seriamente as relações entre a teoria dos atos de fala e a psicanálise, de Freud a Lacan. As perspectivas abertas à reflexão lingüística pela releitura pós-estruturalista de Wittgenstein caminham no mesmo sentido: o da desconstrução das evidências do sujeito psicológico, no campo em que elas estão mais bem instaladas.

Evocar, como foi feito aqui, o risco de uma “des-construção das teorias lingüísticas” não visa, portanto, fazer planar uma suspeita geral sobre o fato de que muitos lingüistas concentram hoje em dia seus esforços na pragmática e na enunciação (aliás, com que direito esta suspeita?), mas somente interrogar a modalidade dominante sob a qual desenvolve-se este novo interesse: se em tais assuntos, o lingüista cede de antemão tudo à psicologia do sujeito dono de si e responsável por suas escolhas, o que resta do *real da língua* enquanto ele “faz irrupção pelo real de uma falta” (Milner, 1982:337)?

“O que é, então, este objeto, que Saussure erige sobre uma tábula rasa de todas as noções antes reconhecidas? Tocamos aqui no que há de primordial na doutrina saussuriana... este princípio é que a linguagem, sob qualquer ponto de vista estudado, é sempre um *objeto duplo*...” (Benveniste,

1966: 40).

Princípio simétrico de dualidade ou desdobramento equívoco assimetrisante, a noção de *duplo* oscila entre “a felicidade pela simetria” para a qual tendeu Jakobson, e o drama da abertura de cada palavra que não parou de perturbar Benveniste. J.C. Milner caracteriza esta oscilação no caso da enunciação:

“Onde Benveniste via como que os estigmatas na língua do que lhe é radicalmente “outro” - pronomes pessoais, tempos verbais, performativos - Jakobson construiu uma teoria dos “embrayeurs”, em que tudo se constitui em quadro simétrico, dedutível de uma propriedade previsível. Para isto, basta que à subjetividade que Benveniste institui como uma abertura não simetrizável na língua, substitua-se o termo *mensagem*, tomado como oposição regular ao termo *código* (Milner, 1982: 336).

É aí que Milner, aproximando Benveniste de Saussure, comenta este medo, já evocado, que toma o genebrino diante de suas próprias descobertas:

“Ainda mais singularmente, Saussure pensou ter perdido sua reputação de sábio por ter acreditado reconhecer anagramas. Jakobson os encontra e os adapta de tal modo que nada neles se leia a não ser as vias elegantes de uma razão poética” (Milner, 1982: 336).

Entre a *simetria* (através da qual o outro aparece como o reflexo do mesmo, por uma regra de conversão) e o *equívoco* (no qual a identidade do mesmo se desregula, se altera a partir do interior), o paradoxo da língua toca duas vezes na ordem da regra: pelo jogo nas regras, e pelo jogo sobre as regras¹⁸.

Pensar a língua como simples *jogo nas regras* apresenta sempre riscos de cobrir o espaço próprio do que regulamenta o real da língua, substituindo-o por regras (*bio*)-*lógicas* de engendramento das arborescências sintáticas, constrangidas pela semântica de “sistemas de conhecimento” (discursivamente estabilizados em relações temáticas e em formas lógicas), ou por regras de *jogos de linguagem translingüísticos* a partir das quais o registro social do pragmático e do enunciativo escaparia ao “próprio da língua”, desmascarando, desse modo, o estatuto fictício deste último.

Tentar pensar a língua como espaço de regras intrinsecamente capazes

de jogo, como *jogo sobre as regras*, é supor na língua uma ordem de regra que não é nem lógica, nem social: é fazer a hipótese de que a sintaxe, como espaço especificamente lingüístico, não é nem uma máquina lógica (um sistema formal autônomo, exterior ao lexical, ao semântico, ao pragmático e ao enunciativo), nem uma construção fictícia de natureza metalingüística (reduzível a efeitos de poder inscritos em um domínio que, supostamente, governa o discurso escrito).

Nesta perspectiva, a sintaxe seria, ao contrário, o que toca de mais perto no próprio da língua enquanto ordem simbólica, com a condição de dissimetrizar o corpo de regras sintáticas, construindo aí os efeitos discursivos que o atravessam, os jogos internos destes “espelhamentos” léxico-sintáticos através dos quais toda construção sintática é capaz de deixar aparecer uma outra, no momento em que uma palavra desliza sobre outra palavra¹⁹.

Mais do que celebrar ou lamentar a volatilização do real da língua, tratar-se-ia então de pensá-lo como um corpo atravessado por falhas, ou seja, submetido à irrupção interna da falta.

Tradução: Celene M. Cruz e Clémence Jouët-Pastré

Notas

¹ Uma apresentação mais extensa dessa tentativa de “acupuntura” no corpo histórico da Lingüística encontra-se em Gadet e Pêcheux (1981).

² É o título de uma obra de F. Roustang, dedicada a uma reflexão sobre a conjuntura lacianiana e pós-lacianiana em psicanálise.

³ ...“Saussure pensou ter perdido sua reputação de sábio por ter acreditado reconhecer anagramas”, observa Milner (1982: 336).

⁴ No *L' amour de la langue*, J.C. Milner reelabora este termo lacianiano, através de uma reflexão sobre o status da disciplina lingüística, tomada “anfibiologicamente” entre as representações inscriteis na “ciência universal dos simbolismos possíveis, em outras palavras, a lógica” e a insistência na língua do “ponto de poesia” como efeito do inconsciente. *La langue introuvable* se apóia na reflexão de Milner para trabalhar, contra as idéias pré-concebidas, este fato inaugural da GGT: a primeira teoria sintática a supor uma continuidade do gramatical e do a-gramatical, na medida em que ela constrói o gramatical por outra via que não em relação àquilo que apresenta erro, variação ou desvio anormal. Na mesma ocasião, demonstrou-

se que Chomsky e os chomskianos não pararam de encobrir esta desconcertante descoberta, e que chegaram a seus fins...

⁵ Ao contrário, os efeitos do estruturalismo francês nos EUA, na Alemanha, na Inglaterra não ultrapassaram, durante todo este período, o círculo universitário dos departamentos de francês e de filosofia, e o de alguns grupos políticos de esquerda, prevenidos - algumas vezes de maneira extremamente precisa - da existência das teorias "parisienses". Por razões bastante evidentes, a "recepção" foi muito maior e mais política em países como a Itália e na América Latina.

⁶ Sabe-se que este exemplo canônico da GGT foi declarado "agramatical" a partir da teoria proposta em *Aspects*, enquanto em *Syntactic Structures*, Chomsky se mostrou mais prudente. Cf. sobre este aspecto Gadet e Pêcheux (1981: 168-9).

⁷ Em particular Newell e Simon, na demonstração automática de teoremas matemáticos.

⁸ O ideal de Roman Jakobson foi o de integrar o todo da Lingüística (se não tudo na Lingüística). J.C. Milner ("A Roman Jakobson, ou le bonheur par la symétrie" in: Milner (1982: 329-327)) mostra que neste desejo da Enciclopédia "trata-se de algo diferente de uma vontade de planejamento - mesmo se, sob o peso das tecnologias próximas, Jakobson pôde, longe da Europa, parecer que cedia a isso" (p.335).

⁹ Enquanto a psicanálise questiona a noção de um eu voluntarista e unitário, sua história foi a de uma idéia subversiva engajada em uma luta contra a normalização. E a tensão entre uma concepção do eu "centrada" e outra "descentrada" esteve quase sempre no cerne da batalha. O conflito entre Lacan e os psicólogos do eu conduziu esta luta a seu ponto de incandescência. Lacan mobilizou em duas outras concepções do pensamento, independentes da psicanálise, mas, como ela, ligadas a uma noção descentrada do eu; refiro-me, é claro, ao estruturalismo e ao marxismo" (Turkle, 1982: 9).

¹⁰ Nas primeiras páginas de *Ler o Capital*, L. Althusser tocava explicitamente nesta questão política, nos seguintes termos: "A partir de Freud, começamos a suspeitar do que escutar, e portanto do que falar (e calar-se) quer dizer; que este "quer-dizer" do falar e do escutar descobre, sob a inocência da palavra e da escuta, a profundidade assinalável de um duplo fundo, o "quer-dizer" do discurso do inconsciente - este duplo fundo sobre o qual a Lingüística moderna, nos mecanismos da linguagem, pensa os efeitos e as condições formais" (p.14-15)

¹¹ O termo "estruturalismo político" designa aqui, especialmente, a retomada althusseriana na teoria marxista, mas não pretende localizar ao mesmo tempo o político; o movimento estruturalista, como um todo, contribuiu para o alargamento do político: se "tudo é político", as questões *explicitamente* políticas (particularmente as que se formulam no espaço das estratégias de conquista ou de manutenção de Estado) devem ceder aos privilégios.

¹² Vinte anos passaram-se entre o fenômeno e sua "recepção" nos Estados Unidos: tempo para que a fonte do fenômeno pare de se agitar, para tornar-se um objeto intelectual consumível? Este já tinha sido o caso da fenomenologia husserliana e do existencialismo, "recebidos" nos EUA a partir dos anos 60.

¹³ Haveria espaço para elucidar as questões complexas entre o reducionismo cientista (tratando o ser humano como o animal mais complexo), as ideologias do cotidiano prático e as diversas raízes históricas do populismo, cuja emergência atual constitui um trunfo político maior.

¹⁴ Sobre a existência do simbólico como local de uma partilha entre a Lingüística e a Psicologia, ver também Gadet, Haroche, Henry e Pêcheux (no prelo).

¹⁵ Para localizar-se entre as máquinas eletrônicas e os mecanismos sociais, pode-se sempre recorrer à norma comportamental como critério deficiente: em um universo de brinquedos que não correspondem mais à definição clássica do objeto (já que "falam" e simulam

“emoções”), as crianças são obrigadas a traçar novas fronteiras para definir sua identidade: “as pessoas, são os que vão ao restaurante e têm uma família” acabou por responder uma menina americana em uma recente enquete sociológica do MIT.

¹⁶ Retirado de “L’ intelligence artificielle est déjà née”, rubrica “Sciences” do nº 2-8 Abril de 1982 da revista l’*Express*, p.101.

¹⁷ Esta divisão repercute no nível da vontade política; no primeiro espaço, o desenvolvimento das novas tecnologias (informática, engenharia bio-médica, telecomunicações) constitui um dos maiores trunfos da estratégia econômica governamental para sair da crise: com reservas a um controle dos efeitos neotaylorianos desta “revolução tecnológica”, os objetivos são politicamente claros e socialmente pouco contestáveis. Mas, com referência ao segundo espaço, emerge também, face ao “imperialismo financeiro e cultural” das grandes indústrias da comunicação, a vontade política de uma resistência à uniformização dos modos de vida, das formas de pensamento e de expressão (cf. recentemente a declaração do ministro J. Lang da UNESCO e, em um outro plano, a decisão de criar um *Collège International de Philosophie*).

Em cada um destes dois espaços, a vontade política tem excelentes razões; mas não se tratam de mundos separados, como mostra, por exemplo, a questão do tratamento dos “dados textuais”, constituindo um dos casos-limites em que a Lingüística encontra-se implicada. Se o inevitável contato entre os dois espaços deveria unir-se por uma “transferência tecnológica” dos conceitos, softwares, metalínguas lógicas e procedimentos do primeiro espaço em direção ao segundo, que lugar restaria à incontornável ambigüidade das línguas naturais, aos limites de transparência de todo pensamento, ao surgimento do sentido como evento imprevisível e não-reprodutível?

Retirar o desafio supõe não ceder ao “próprio da língua” - dando-se, se necessário, meios de confrontar-se com as tecnologias oriundas do primeiro espaço, para trabalhar a fim de deslocá-las, para arriscar, também neste campo, novas vias que resistam à inclinação natural da transferência tecnológica dominante. Limitar-me-ei a evocar o caso que conheço um pouco melhor: o da construção de algoritmos informatizados no campo da análise do discurso. Certamente haveria muitos outros exemplos.

¹⁸ Retomo aqui as formulações de F. Gadet, inscritas em uma reflexão sobre a língua como espaço de regras atravessado por falhas. Cf., por exemplo, “enganar a língua” (Gadet, 1981:117-126), em que ela propõe conceber a regra como “comportando em seu próprio princípio um espaço de jogo: no sentido de um jogo de criança ou de sociedade, mas também, talvez, do jogo de um músculo ou do jogo de um mecanismo” (p.214).

¹⁹ A noção de “espelhamento” léxico-sintático foi introduzida em Análise do Discurso por J.M. Marandin. Cf. “Linguistique et algorithmes textuels”, comunicação feita no Colloque International d’ Informatique et Sciences Humaines, Liège, novembro de 1981.

BIBLIOGRAFIA:

- ALTHUSSER, L. (1965) *Lire Le Capital*. Paris: Maspero. Tradução brasileira: *Ler O Capital*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1979/1980.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1982) “Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’autre dans le discours” Dans: DRLAV, *Revue de Linguistique* 26 (pp.91-151).

- BENVENISTE, E. (1966) "Saussure après un demi-siècle". Dans: BENVENISTE, E. Problèmes de Linguistique Générale. Paris: Gallimard. Tradução brasileira: "Saussure após meio século" In: Problemas de Linguística Geral I. Campinas, SP: Pontes/Editora da UNICAMP, 1991, pp. 34-49.
- CERTEAU, M. de. (1980) L'invention du quotidien: UGE (= 10/18.1363). Tradução brasileira: A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- CULIOLI, A. (1968) "La formalisation en linguistique". Cahiers pour l'analyse 9 (pp.106-117).
- FELMAN, S. (1980) Le scandale du corps parlant, Don Juan avec Austin ou la séduction en deux langues. Paris: Seuil.
- FOUCAULT, M. (1976) La volonté de savoir. Paris: Gallimard.
- GADET, F. (1981) "Tricher la langue" Dans: Matérialités discursives. éd. par CONEIN, B. et al.. Lille: PUL, pp. 117-126.
- GADET, F., HAROCHE, CL., HENRY, P., PÊCHEUX, M. "Note sur la question du langage et du symbolisme en psychologie". (à paraître dans: Fundamenta Scientiae).
- GADET, F. & PÊCHEUX, M. (1981) La langue introuvable. Paris: Maspero. Tradução brasileira de MARIANI, B., no prelo.
- GADET, F. & PÊCHEUX, M. "La linguistique hors d'elle-même; l'histoire absolument". L'histoire des sciences humaines, pourquoi ecomment? Nanterre, 1980 (Ronéo, 1981)
- GRUNIG, B.-N. (1981) "La clôture chomskyenne". Paris: Centre de recherches de l'université de Paris VIII. = DRLAV. Revue de linguistique 24.
- HAROCHE, Cl., HENRY, P., PÊCHEUX, M. (1971) "La sémantique et la coupure saussurienne: langage, langage, discours. Langages 24, pp.93-106.
- MARANDIN, J.M. "Linguistique et algorithmes textuels". (Colloque International d'Informatique et Sciences Humaines, Liège, Novembre 1981. À paraître).
- MILNER, J.C. (1976) L'amour de la langue. Paris, Seuil. Tradução brasileira: O amor da língua. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1987-. (1982) Ordres et raisons de langue. Paris, Seuil.
- PLON, M. (1976) La théorie de jeux: une politique imaginaire. Paris: Maspero.

- SABAH, G., RADY, M. SOQUIER, L., BERTHELIN, J.B. (1981), "Un système modulaire de compréhension d'histoires racontées en français". T.A. Informations 22, 2, pp. 3-33.
- TURKLE, S. (1982) *La France freudienne*. Paris: Grasset.